



<https://doi.org/10.30681/real.v15.6159>

## REFLETINDO A SEMÂNTICA E O CONCEITO DE ENUNCIÇÃO: DE BRÉAL À GUIMARÃES<sup>1</sup>

Sanny Kellen Anjos Cavalcante CANUTO (UNEMAT)<sup>2</sup>

Silvania Maria de S. PEREIRA (UNEMAT)<sup>3</sup>

Maria Helena dos S. FARIAS (UNEMAT)<sup>4</sup>

Data de recebimento: 30/03/2022

Data de aceite: 26/07/2022

**Resumo:** A Semântica é a ciência que busca compreender os significados linguísticos a partir de sentenças e outras formas linguísticas, não se interessando, *à priori*, pelas demais partes como sintaxe ou pronúncia. Partindo dessa premissa, neste trabalho, buscamos ponderar acerca do conceito de enunciação dentro da Semântica desde os primeiros estudos de Bréal, considerado o “pai da Semântica”, até os estudos mais recentes de Eduardo Guimarães, a fim de situar o leitor dentro do percurso histórico em que se situa os estudos semânticos. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, em que o *corpus* de reflexão consiste nos estudos dos já citados Bréal (1992) e Guimarães (1995, 2005) e, também, nos estudos de Ducrot (1987), Frege (1978) e Austin (1990), a fim de elucidar os principais acontecimentos durante a trajetória dos estudos sobre a Semântica da Enunciação. Tais reflexões demonstram o longo percurso que faz parte da história da constituição dessa disciplina e, também, campo do conhecimento.

**Palavras-chave:** Semântica. Enunciação. Bréal. Eduardo Guimarães.

**Abstract:** Semantics is the science that focuses on understanding linguistic meanings from sentences and other linguistic forms, not being interested, *a priori*, in the other parts such as syntax or pronunciation. Based on this premise, in this work, we seek to ponder the concept of enunciation within Semantics from the first studies of Bréal, considered the “father of Semantics”, to the most recent studies of Eduardo Guimarães. This is a bibliographical research and qualitative approach, in which the corpus of reflection consists of the studies of the aforementioned Bréal (1992) and Guimarães (1995, 2005) and, also, in the studies of Ducrot (1987), Frege (1978) and Austin (1990), the in order to elucidate the main events during the trajectory of studies on the Semantics of Enunciation. Such reflections demonstrate the long journey that is part of the history of the constitution of this discipline and, also, the field of knowledge.

<sup>1</sup> Este trabalho surgiu a partir das reflexões da disciplina “Semântica” durante nosso curso de Mestrado em Linguística pela UNEMAT, sob orientação da Profa. Dra. Rosimar Regina Rodrigues.

<sup>2</sup> Mestre e Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Cáceres, Brasil. E-mail: sannykellen2728@gmail.com.

<sup>3</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Cáceres, Brasil. E-mail: silvania.maria@unemat.br.

<sup>4</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Cáceres, Brasil. E-mail: maria.helena.farias@unemat.br.



**Keywords:** Semantics. Enunciation. Bréal. Eduardo Guimaraes.

### **Para começo de conversa**

Os postulados da Semântica sustentam que seu foco principal é compreender o significado das sentenças que são produzidas em diversos ambientes. Partindo dessa premissa, compreendemos, segundo Katz (1982), que a Semântica não se interessa pelos arranjos das partes sintáticas de um enunciado ou pela pronúncia. Ao levar isso em consideração, queremos, aqui, elucidar os conceitos que caracterizam a Semântica como a ciência que se debruça sobre o significado das sentenças desde seus primeiros passos com Bréal até os estudos contemporâneos de Eduardo Guimarães. A partir da concepção de Ilari e Geraldí (1985, p. 59) de que “a Semântica é um domínio de investigação de limites moveáveis”, discutimos teoricamente sobre a *enunciação* a partir de diversos olhares, hipóteses e contextos fundamentais para a linguagem, pois, é através da linguagem que o homem se significa em seu meio. Antes de adentrar ao conceito principal de enunciação, faz-se necessário apresentar alguns importantes momentos da trajetória que constituíram a Semântica como ciência.

Sendo assim, esta pesquisa se configura como bibliográfica, isto é, “tem por objetivo contextualizar e mostrar o que já existe sobre o objeto investigado” (PAIVA, p. 60, 2019). Nesse caso, elucidar o percurso que estudiosos da Semântica da Enunciação percorreram até chegar à contemporaneidade.

O gesto de leitura foi realizado nas obras de Bréal (1992), Ducrot (1984, 1987), Frege (1978), Austin (1990) e Guimarães (1995, 2005), buscando responder ao seguinte questionamento: Qual o percurso que a Semântica vem traçando desde a sua gênese até à contemporaneidade nos estudos de Eduardo Guimarães? O texto está organizado em duas partes, a primeira pretende expor um breve preâmbulo acerca da Semântica enquanto disciplina e campo do conhecimento desde sua gênese até os dias atuais; a segunda realiza uma reflexão acerca do conceito de “enunciação”, levando em consideração a ideia de cada um dos autores mobilizados, buscando estabelecer uma cronologia que vai de Bréal a Guimarães, por fim, nas conclusões, resgatamos os principais conceitos aqui mobilizados e elucidamos a resposta para nossa questão de pesquisa.

### **Um breve preâmbulo sobre a Semântica**



Ao se ter o primeiro contato com ciências como a Semântica e a Linguística, é comum pensarmos que elas tiveram origem com aqueles teóricos que são considerados seus precursores, a esse exemplo tem-se Saussure como o pai da Linguística, ainda que muito se discuta acerca disso, e em Semântica, tem-se Bréal. Cabe-nos, aqui, considerar que os estudos sobre a Semântica, ciência que estuda a significação, percorreu uma longa jornada até os dias atuais.

A obra “Os limites do sentido” publicada no ano de 1995 pelo teórico Eduardo Guimarães, apresenta uma síntese sobre esse trajeto, em que as contribuições dos estudos latinos e da gramática de Port- Royal foram importantes e decisivas para os estudos da linguagem. No entanto, foi no século XIX com a obra “Essai de sémantique: Science des significations” do teórico Michel Bréal, publicada no ano de 1897, o marco mais importante e significativo de que se tem conhecimento acerca do surgimento da semântica como campo do conhecimento.

Nesse bojo, assim como já existiam formulações acerca da língua, havia, também, discussões acerca do significado das coisas antes de Bréal. Segundo Mussalim (2004), é somente a partir de Bréal, em 1883, que surgiu a nomenclatura “semântica”. É importante ressaltar a relevância atribuída ao pensamento desse teórico em relação à natureza da linguagem, pois, para ele, a semântica é vista não somente como um dos processos de transformação do léxico, mas, também, participa dos campos da morfologia e da sintaxe, pois, se consideramos a linguística como uma ciência humana e histórica, teria que se considerar o lugar da centralidade dos sentidos nas questões de linguagem. Nesse ensejo, Bréal considera que a “transformação histórica não pode ser tratada de modo automático seguindo leis necessárias, uma vez que há sempre que se considerar o sentido da linguagem para se poder tratar suas transformações.” (BRÁL, 1992 *apud* GUIMARÃES, 1995, p. 14). Ou seja, não há como tratar a linguagem sem considerar a significação.

Para Bréal (1992), o sentido deve ser analisado a partir do emprego das palavras e não pela sua formação etimológica. Dito de outro modo, as palavras devem ser analisadas nas relações entre si, dentro da frase. Nesse ponto, Bréal considera a subjetividade da linguagem na forma sincrônica. Nessa direção, o caráter subjetivo da linguagem é também trabalhado por Émile Benveniste, “que se propôs estudar a subjetividade na língua, o ‘aparelho formal da enunciação.’” (KOCK, 2010, p.12).

Ainda considerando os pensamentos de Bréal, podemos afirmar que a semântica é uma disciplina linguística que considera a linguagem como fenômeno humano, portanto, histórico.



Assim, as mudanças na linguagem ocorrem pela intervenção humana e seguindo princípios de funcionamento da própria linguagem. Partindo desse pressuposto, observa-se uma ruptura da semântica com a posição naturalista que considerava a linguagem como organismo, ou seja, um quarto reino da natureza. Diante desse entendimento, Bréal afirma que a linguagem representa um acúmulo de trabalho intelectual, sendo construída pelo consentimento de muitas vontades.

Posteriormente à teoria de Bréal, temos a teoria desenvolvida por Saussure (1916), importante estudioso da linguagem, com obras póstumas baseadas em suas elucubrações: “Curso de Linguística Geral I” e “Curso de Linguística Geral II”. Saussure rompeu com a posição historicista do século XIX ao considerar que a língua se constituía por signos que se definiam pelas relações que tem entre si. Sem recorrer a nada que seja exterior. Nesse contexto, o que irá interessar para Saussure é o valor de um signo, ou seja, o significado de um signo é o que outros significados não são. Segundo Saussure (1916) os signos são entidades de duas faces – significante e significado – sendo a significação colocada como uma questão interna ao sistema. Saussure estabelece a língua como um sistema de signos e exclui dos seus estudos o referente, o mundo, o sujeito e a história.

Guimarães (1995), pondera que os estudos semânticos posteriores a Saussure vêm apresentando à noção de sentido ou significação, sempre mantendo relação com algum dos elementos excluídos pelo corte saussureano. Enquanto o corte epistemológico proposto por Saussure exclui o referente, o filósofo Frege - que teve grande influência nos estudos sobre a significação com seus trabalhos de distinção entre sentido e referência – trata o sentido como modo de se conhecer a referência. Segundo Frege (1892), o sentido só nos permite conhecer algo se a ele corresponder a uma referência. “Deste modo, Frege põe em pauta, no campo da lógica a questão do sentido, mantendo a necessidade do tratamento da referência” (GUIMARÃES, 1995, p. 28). Considera-se que, a partir de Frege, a Semântica passa ser reconhecida como ciência.

### **O conceito de Enunciação**

Segundo Guimarães (1995, p. 11), o percurso histórico que nos leva a questão da *enunciação*, irá apresentar dois aspectos, que são:

“1) percorrer um caminho que mostre as incertezas da consideração do sujeito na linguagem;



2) percorrer um caminho que tenha produzido conceitos e descrições que interessam, de algum modo, a um tratamento enunciativo do sentido”.

Em se tratando de enunciação e enunciado, ressaltamos as contribuições de John Langshaw Austin, que foi um dos estudiosos da significação no decorrer do percurso em que se instituía enquanto disciplina e ciência. No entanto, as contribuições de Austin foram levadas mais ao campo da pragmática, atendo-se, prioritariamente, ao enunciado, mas ainda assim, estudando acerca da enunciação.

A Teoria dos Atos de Fala é a vertente da Filosofia da Linguagem que recebeu grande contributo de Austin para a Linguística ao considerar a linguagem como uma ação e não apenas teoria. Há doze ensaios publicados, em 1990, por Austin, em uma obra intitulada “How to do things with words”, fundamentais para compreender a importância dessa teoria para a pragmática, área que estuda as formas de utilização da linguagem e os fatores que são essenciais para a produção de sentido de um enunciado.

Já no século XX, com os estudos da significação se desenvolvendo em diversas direções, três posições no modo de considerar a significação são as mais praticadas: a semântica formal, a semântica da enunciação e a pragmática. É preciso considerar que cada semântica vai se constituir a partir de um lugar e de uma teoria, em que cada uma elege um significado particular. Neste trabalho, pautamo-nos na Semântica da Enunciação com enfoque no conceito *enunciação*.

Ao pensar a *enunciação*, podemos caracterizá-la da forma precisa e objetiva que é definida no campo da linguagem. Assim, deve-se considerar, segundo Ducrot (1987, p.168), que a *enunciação* é uma “atividade psicofisiológica implicada pela produção do enunciado (acrescentando o jogo das influências sociais que a condicionam)”. Para o autor, o enunciado deve ser considerado como uma manifestação individual de uma frase. Nesse sentido, o termo *enunciação* está, desde muito tempo, presente nos estudos linguísticos. Segundo Silva (2018, p. 122):

Para alguns estudiosos das línguas naturais, a enunciação é um elemento indispensável para a compreensão da significação linguística (a partir da análise de enunciados), pois diversos fenômenos semânticos só podem ser compreendidos quando se considera a dimensão da língua em que ela de fato acontece, em que é colocada em funcionamento. As reflexões desses estudiosos têm sido reunidas em uma mesma linha de estudos semânticos conhecida como Semântica da Enunciação. O comum entre essas reflexões é que quando se estuda o sentido considera-se sua relação com a enunciação, cujas características são identificadas a partir da observação do enunciado.



Com base nos pressupostos supracitados acerca da enunciação e dos enunciados, ressaltamos os estudos em enunciação do francês Émile Benveniste, um dos estudiosos da enunciação mais conhecidos na Linguística, considerado o primeiro linguista a sistematizar o modelo de análise da língua voltado para a enunciação. Nesse viés, Silva (2018, p. 122) aponta que “Benveniste, apesar de ter tomado o estruturalismo saussuriano como base para o estudo da significação, destacou aspectos da língua que, segundo ele, não podem ser estudados, a menos que se considere a língua em funcionamento”. Para ele, a questão enunciativa inclui dois modos de significância: o semiótico e o semântico. Sendo que a diferença básica entre ambas está no fato de que, na prática da linguagem, a significação semiótica precisa ser apenas reconhecida, enquanto a semântica precisa ser compreendida.

A inquietação de Benveniste consiste em descobrir como se chega da língua à fala, e como o processo, puramente virtualizado da língua, passa a se materializar através da linguagem. Ele descobre, então, que essa transição da virtualização à materialidade, só é possível por meio da enunciação, que seria a “colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1995, p. 10). Ao criar um parâmetro de enunciação como instância de mediação entre língua e a fala, o estudioso constituiu o processo de se passar de um lugar ao outro, deixando claro que o produto do dizer, *o dito* (enunciado), é regrado, é social e é produzido quando um sujeito toma a palavra, criando um *eu* que precisa do *tu* para coexistir, numa situação dada, em um tempo dado (FIORIN, 2013).

Ao tratar sobre o aparelho formal da enunciação em sua obra *Problemas de Linguística Geral II*, publicada no ano de 1989, Benveniste questiona, primeiramente, “o emprego das formas”, que é entendido como “(...) um conjunto de regras fixando as condições sintáticas nas quais as formas podem ou devem normalmente aparecer.” (BENVENISTE, 1989, p.81). Desse modo, o emprego dessas regras ou formas é completamente diferente do emprego da língua, tratando-se de dois mundos diferentes. É a partir desse ponto que a *enunciação* se torna presente no ato individual do seu funcionamento.

Outro momento importante da obra de Benveniste é uma observação que ele deixa para os leitores:

É preciso ter cuidado com a condição específica da enunciação: é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é o nosso objeto. Este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta. A relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação. (BENVENISTE, 1989, p.82).





Como exemplificado pelo próprio Benveniste, o discurso é o dizer que é produzido todas as vezes em que falamos, uma vez que essa é a manifestação da enunciação. Portanto, “antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso que emana de um locutor [...] o locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia.” (BENVENISTE, 1989, p. 84).

Diante do exposto, compreendemos que é dessa maneira que a enunciação se constitui, fazendo emergir os índices de pessoa (*eu-tu*) que é realizado na e pela enunciação. “O termo *eu* denotando o indivíduo que profere a enunciação, e o termo *tu*, o indivíduo que aí está presente como alocutário.” (BENVENISTE 1989, p.84). Dessa forma, são apresentados os índices que constituem o lugar de enunciação, a partir dessa relação com o *eu* e *tu* é que se constitui o coletivo, “a enunciação é a acentuação da relação com o parceiro, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo.” (*idem*, 1989, p.87).

Segundo Guimarães (1995, p. 64), Benveniste descreve a língua a “levando em conta a hipótese de Bréal de que ela tem as formas que marcam o elemento subjetivo quando se fala. Ou seja, a questão da subjetividade está aqui, como em Bréal, como uma questão linguística”. Dando continuidade a essa apresentação teórica acerca da Semântica e os estudos da enunciação, citamos outro importante teórico para essa discussão. Trata-se de Ducrot (1980). Esse estudioso denomina *enunciação* como um acontecimento, um fato que constitui o aparecimento de um enunciado em determinado momento no tempo e no espaço. É um conceito que tem função puramente semântica, sem nenhuma implicação fisiológica ou psicológica. É uma visão estruturalista e que apresenta pontos teóricos diferentes dos que Benveniste se apropria para explicar a enunciação na linguagem humana.

A partir da definição da enunciação como o acontecimento histórico do aparecimento do enunciado, Ducrot (1984) tem a sua disposição um conceito de enunciação não remetido ao sujeito. Assim, ele se coloca na posição de construir toda uma teoria do sujeito da enunciação como representação que os enunciados fazem de sua enunciação. Para esta teoria ele distingue três duplas de categorias: sujeito falante/ouvinte; locutor/alocutário; e enunciator/destinatário. (GUIMARÃES, 1995, p. 60).

“O sentido do enunciado é, uma descrição, uma representação que ele traz de sua enunciação, uma imagem do acontecimento histórico constituído pelo aparecimento do enunciado.” (DUCROT, 1980, p. 34). É a partir desse pensamento que consideramos como o enunciado descreve a enunciação, é no dizer que ele se apresenta como produzido por um locutor, designado por diferentes marcas de primeira pessoa para um alocutário designado pela segunda pessoa.



Nesse viés, a enunciação vai se caracterizando dentre os linguistas. A concepção vinculada a Ducrot tem papel importante na análise do discurso. “A ideia fundamental é a de que sempre que se fala, se fala de sua fala, ou seja, o dito denuncia o dizer.” (DUCROT, 1980, p. 40). No entanto, o foco dos estudos de Ducrot foi a Teoria da Argumentação na língua, elucidando as noções de conceitos de signo e de relação, de língua e fala e de como essas relações têm papéis relevantes dentro do campo argumentativo.

Em relação a Semântica da Enunciação, temos como principal nome o linguista e teórico Eduardo Guimarães, que assemelha seu posicionamento a Ducrot e Benveniste. Guimarães parte da premissa de que a linguagem interessa porque significa, e para ele a Semântica é uma disciplina científica que se ocupa da significação.

Sendo constituído como um dos maiores linguistas brasileiros, Guimarães fez e faz um grande percurso nos estudos sobre a Semântica da Enunciação. Em sua obra mais recente, *Semântica: Enunciação e Sentido* (2018), o autor explica o que é semântica, afirmando que seu interesse é tratar a semântica enquanto disciplina que se ocupa da significação da língua e da linguagem e não como uma disciplina cujo objeto é a gramática. O objetivo do linguista é estudar a semântica enquanto enunciação, pois, para ele, a significação é produzida pela enunciação.

Em sua obra “Semântica do Acontecimento: Um estudo enunciativo da designação”, Guimarães (2005, p. 5) conceitua a enunciação “enquanto acontecimento de linguagem que se faz pelo funcionamento da língua”. Sendo a partir desse lugar teórico que o autor se filia a Benveniste (1970), uma vez que em “O Aparelho Formal da Enunciação”, toma a enunciação como a língua posta em funcionamento pelo locutor, e a Ducrot (1984) que, em *Esboço de uma Teoria Polifônica da Enunciação*, define a enunciação como o evento do aparecimento de um enunciado.

Em “Os Limites do Sentido” (2002, p. 70), Guimarães define a enunciação como:

Um acontecimento de linguagem perpassado pelo *interdiscurso*, que se dá como espaço de *memória* no acontecimento. É um acontecimento que se dá porque a língua funciona ao ser afetada pelo *interdiscurso*. É, portanto, quando o indivíduo se encontra interpelado como sujeito e se vê como identidade que a língua se põe em funcionamento.

Em “Semântica: Enunciação e Sentido” (2018), o semanticista define que:

“a enunciação é o que ocorre quando alguém diz algo, quando um falante de uma língua diz uma sequência que é, de alguma maneira, reconhecida pelos





falantes desta língua. Considerando a questão deste modo, dizer algo, produzir significação, se dá num acontecimento, numa certa língua”. (2018, p. 14).

Diante das falas expostas, compreendemos que a enunciação é algo que ocorre quando se diz algo, é um acontecimento do dizer. Assim, podemos perceber que Guimarães sai da estrutura de Ducrot e busca a noção de sujeito na Análise de Discurso na relação do interdiscurso, constituindo, dessa forma, a cena Enunciativa. E ao constituir, traz um novo conceito que é a *alocução*, relação entre os locutores que renomeia esses espaços. Os espaços de enunciação são territórios de línguas e falantes, dessa forma o autor expõe que nesse viés a “cena enunciativa é produzida pelo agenciamento político da enunciação, cujo falante é agenciado politicamente e assim constitui a cena enunciativa: o acontecimento da enunciação produz sentidos ao constituí-la” (GUIMARÃES, 2018, P.53). “Enquanto agenciado a enunciar, se divide em lugar que diz (Locutor), lugar social de dizer (alocutor), e lugar de dizer (enunciador).” (ibidem, p.63).

É importante dizer que, em Benveniste, o sujeito é quem introduz a enunciação, já em Guimarães o sujeito é agenciado pela enunciação, e é assim que o acontecimento da enunciação produz sentido dentro da sua cena enunciativa constituída pelo agenciamento do falante e seus lugares de enunciação.

Nessa tomada de posição, figura-se uma rede de filiações e deslocamentos com autores como Bréal, Austin, Frege, Benveniste, Ducrot e Guimarães, que contribuíram com seus estudos para a edificação da Semântica da Enunciação, assim como os conceitos semânticos aqui expostos.

### **Considerações Finais**

Neste trabalho, apresentamos a trajetória dos principais conceitos acerca dos estudos semânticos no âmbito da enunciação, elencando esses conceitos aos estudiosos que os criaram ou, simplesmente, foram instigados por essas designações. Tentamos seguir uma cronologia a fim de situar o leitor sobre os temas apresentados, e responder qual o percurso que a Semântica da Enunciação vem traçando ao longo tempo por meio dos seus muitos estudiosos.

Nesse sentido, fizemos um preâmbulo que apresentou e debateu acerca do nascimento da Semântica e sobre o que ela se debruça, servindo como o gancho que abarca a seção em que abordamos a questão da enunciação. Ao refletir sobre esse conceito, buscamos, ainda, organizar de forma cronológica os estudos de seus principais pensadores, começando com Bréal,



passando pelos estudos de Austin, Frege, Ducrot, até chegar aos estudos contemporâneos de Eduardo Guimarães. Tais reflexões culminaram em formas de conceber a Semântica, não de maneira estática, uma vez que as interpretações em torno de suas discussões ganham novos contornos através do tempo.

Diante disso, citamos a discussão em torno do conceito de enunciação, que varia de acordo com as instancias situacionais de cada pesquisador, em que se modificou e modifica conforme as interpretações de cada pesquisador. A esse respeito, os estudos de Guimarães mostraram que, para entender a Semântica da Enunciação, é necessário, antes, perceber os conceitos de “enunciado” e “enunciação” para cada um dos autores que estudaram essa ciência, ou seja, compreender o conceito que permeia cada uma das ideias e, a partir disso, escolher o caminho pelo qual se quer enveredar dentro dos estudos semânticos.

## REFERÊNCIAS

AUSTIN, J.L. **Quando Dizer é Fazer: palavras e ação**. Trad. Apres. Danilo M. de Souza Filho. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. Trad. Maria da Glória Novak; Maria Luisa Neri; rev. do Isaac Nicolau Salum. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.

\_\_\_\_\_. **Problemas de Linguística Geral II**. Trad. Eduardo Guimarães, et al; rev. Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1989.

BRÉAL, M. **Ensaio de Semântica: ciência das significações** - trad. Aída Ferrás...et al. São Paulo: Educ, 1992.

COCK, I. G. V. **A inter - ação pela linguagem**: São Paulo: Contexto, 2013.

DASCAL, M. (Org.). **Semântica**. Campinas: Unicamp, 1982.

DIAS, L. F. **Enunciação e relações linguísticas**. Campinas: Pontes, 2018.

DUCROT, O. **Esboço de uma teoria polifônica da enunciação: O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

FREGE, G. **Lógica e Filosofia da Linguagem**. Trad. Paulo Alcoforado, São Paulo: Cultrix – EDUSP, 1978.

FIORIN, J. L.; DISCINI, N. **O uso linguístico: a pragmática e o discurso**. São Paulo: Contexto, 2013.

GRICE, H. O. **Lógica e conversação**. In: DASCAL. Fundamentos metodológicos da linguística. Campinas: Editora particular, 1982.



GUIMARÃES, E. **Os Limites do Sentido**. Pontes, Campinas, 1995.

\_\_\_\_\_. **Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Análise de Texto: procedimentos, análises, ensino**. Campinas: Editora RG, 2011.

\_\_\_\_\_. **Semântica: Enunciação e Sentido**. Campinas, SP: Pontes, 2018.

ILARI, R.; GERALDI, J. W. **Semântica**. São Paulo: Ática, 1985.

KATZ, J. J. DASCAL, M. (Org.). **Fundamentos Metodológicos da Linguística**, vol. III: Semântica. Campinas: Unicamp, 1982.

MUSSALIM, A. C. B. (orgs.) **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2004.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral** /organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger; trad. Anônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blinkstein. – 43ª ed. – São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, M. C. da. **Semântica** – Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2018.